

Denilson da Silva Matos*
Sebastiana Maria Silva Nogueira**

***Confrontando o sistema patriarcal romano:
um olhar a partir da Passio Sanctorum
Perpetuae et Felicitas e dos Atos de Paulo e Tecla***

*Enfrentar el sistema patriarcal romana:
una visión desde la Passio Sanctorum Perpetuae
et Felicitas y los Hechos de Pablo y Tecla*

*Confronting the Roman Patriarchal System:
a look from the Passio Sanctorum Perpetuae
et Felicitas and the Acts of Paul and Thecla*

Resumo

Os primeiros cristãos, por meio de suas narrativas ficcionais, projetaram novas formas de compreensão do mundo. Tais narrativas, em sua maioria, contestaram valores culturais romanos, especialmente aqueles relacionados com o patriarcado, estabelecidos e sancionados pelo império e por sua literatura. Elas revelam a razão dos diversos conflitos gerados entre romanos e cristãos. O objetivo deste ensaio é apresentar uma análise do enredo de duas narrativas cristãs que contestam, menosprezam e desafiam o poder patriarcal romano em sua composição. Primeiramente, será analisada a narrativa dos *Atos de Paulo e Tecla*, da metade do segundo século, que em seu enredo de composição narrativa contesta a principal forma de coesão e harmonia cívica, o matrimônio. Em seguida, far-se-á um diálogo com *a Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitas*, da virada do segundo para o terceiro século d.C., cuja personagem principal, ao rejeitar a família, a autoridade do *pater familias*, bem como o sistema social patriarcal romano, rompe com tais estruturas patriarcais.

Palavras-chave: Cristianismo Primitivo; Patriarcado; Atos de Paulo e Tecla; *Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitas*; mártires.

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: smdenilson@gmail.com

** Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: nogueira.sebastiana@gmail.com

Resumen

Los primeros cristianos, a través de sus narrativas de ficción, diseñaron nuevas formas de entender el mundo. Estos relatos, en su mayor parte, contestaron los valores culturales romanos, sobre todo los relacionados con el patriarcado establecidos y sancionados por el imperio y su literatura. Ellos revelan la causa de muchos de los conflictos que se generan entre los romanos y los cristianos. El objetivo de este trabajo es presentar un análisis de escenarios de dos relatos cristianos que cuestionan, desprecian y desafían el poder patriarcal romano en su composición. En primer lugar, se analizará el relato de los Hechos de Pablo y Tecla, la mitad del siglo II, que en su composición narrativa gráfica desafía la forma principal de la cohesión y la armonía cívica, el matrimonio. A continuación, lejos sea de un diálogo con la *Passio Sanctorum perpetuae et Felicitas*, la segunda vuelta del siglo III dC, cuyo personaje principal, al rechazar la familia, la autoridad del padre de familia, y el sistema social patriarcal romano, rompe con este tipo de estructuras patriarcales.

Palabras clave: Cristianismo Primitivo; el patriarcado; Hechos de Pablo y Tecla; *Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitas*; mártires.

Abstract

The early Christians, through their fictional narratives, designed their ways of understanding the world. These narratives mostly challenged cultural values Roman, especially values related to patriarchy, established and sanctioned by the empire and its literature. These narratives reveal the reason of many conflicts generated between Romans and Christians. The purpose of this essay is to present a plot analysis of two Christian narratives that contest, despise and challenge the Roman patriarchal power in the plot of his narrative composition. At first, we analyze the narrative of the *Acts of Paul and Thecla*, half of the second century, which in its plot narrative composition challenges the main form of cohesion and civic harmony, marriage; finally, we will dialogue with the *Passio et Sanctorum Perpetuae et Felicitas*, the turn of second to the third century A.D., whose main character by rejecting the family, the authority of the *pater familias* and the Roman patriarchal social system, breaks such patriarchal structures.

Keywords: Early Christianity; patriarchy; *Acts of Paul and Thecla*; *Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitas*; martyrs.

1. Introdução

Na sociedade romana o patriarca exercia grande poder sobre sua família, até mesmo o direito de vida ou de morte. Ele era chamado de *pater familias*, “pai de família”, proprietário de todos os bens: esposa, filhos, escravos, animais, edifícios, terras. Sua autoridade era sancionada pelo império mediante a *patria potestas*, uma instituição do antigo direito civil romano (GIORDANI, 1997). Além do direito civil romano, a legitimidade do *pater familias* também foi perpetrada em diversos escritos da literatura romana, entre eles os políticos e os romances de herói.

Judith Perkins (2008), ao falar da grande mudança política e social ocasionada pelo emergente império romano, destaca a transformação

que as províncias de fala grega tiveram que enfrentar com a nova forma de organização social proposta por esse governo. Perkins também destaca a importância que o “romance grego”, também conhecido como “romance de herói”, desempenhou na criação de “uma nova subjetividade, um particular auto entendimento, para a elite masculina grega desse período” (PERKINS, 2008, p. 62).

No período romano a elite grega não foi impotente. Embora subordinada a Roma, compartilhava interesses mútuos. As elites locais – os nobres, os melhores e os mais ricos – eram recrutadas como colaboradores/assistentes (sunergot) para governar o vasto império, o que lhes garantia os benefícios que seu *status* proporcionava (PERKINS, 2008). Com isso, segundo Perkins (2008), tanto os escritos políticos quanto os romances de herói desse período – conhecido como segunda sofística – foram utilizados como estratégias literárias para fortalecer esse *status* da elite de fala grega. O romance grego antigo celebra o patriarcado, ressaltando em seu enredo o objetivo principal do casal, a união em casamento, que segue o modelo patriarcal.

O casamento e sua harmonia familiar têm destaque também nos escritos políticos, pois promovem a importância da necessidade de harmonia cívica. Assim como na família há papéis a serem cumpridos – e a harmonia no lar depende disso –, a harmonia da cidade depende do reconhecimento de que cada um tem seu papel para o perfeito funcionamento da vida cívica.

Entretanto, observa-se uma crítica crescente a esses padrões estabelecidos e legitimados pela literatura grega e romana por parte dos primeiros cristãos. Em suas narrativas ficcionais, eles projetaram uma nova forma de compreensão do mundo, que em sua maioria, desafiou os padrões culturais romanos estabelecidos.

O objetivo deste ensaio é apresentar uma análise de duas narrativas cristãs que contestam, desafiam e menosprezam o poder patriarcal romano no enredo de sua composição: os *Atos de Paulo e Tecla*, da metade do segundo século d.C., e a *Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitas*, da virada do segundo para o terceiro século d.C.

2. Os Atos de Paulo e Tecla e o sistema patriarcal romano

Atos de Paulo e Tecla (APT), um texto apócrifo da metade do segundo século, é um dos trabalhos literários importantes para lançar luz no caráter popular do cristianismo da Ásia Menor. A obra faz parte de

um conjunto de três textos que constituem os *Atos de Paulo*. De acordo com Tertuliano (*Baptism*, 17), os *Atos de Paulo* foram compilados de material existente por um presbítero da Ásia Menor, admirador de Paulo, que mais tarde foi deposto do seu ofício devido ao escândalo que sua obra causou.

Os *Atos de Paulo e Tecla* descrevem as aventuras de uma jovem convertida ao cristianismo que no final da narrativa recebe de Paulo a autorização para ser uma apóstola. O principal evento da cena de abertura da obra é a chegada do apóstolo Paulo em Icônio. Ele é bem recebido por Onesífero, vizinho de porta de Tecla, uma jovem virgem de extrema beleza, prometida em casamento a Tamires, um dos importantes líderes da cidade.

Paulo prega sobre pureza, fé em Cristo e ressurreição. Muitas mulheres e virgens vinham para estar à sua presença e ouvir a palavra de Cristo. Tecla, grudada à janela, ouve o discurso de Paulo e recebe avidamente a mensagem em seu coração. Mesmo sem vê-lo, a pregação do apóstolo a arrasta à fé, o que produz a fúria de sua mãe Teoclia e de seu noivo Tamires. Tecla estava hipnotizada pela mensagem de Paulo. Teoclia e Tamires enfurecidos arrastam Paulo ao tribunal, acusando-o diante do governador de Icônio de ter pregado virgindade na cidade e com isso o abandono do casamento.

Para Barrier (2009), os APT podem ser interpretados mais apropriadamente se o texto for lido com o gênero de novela antiga em mente. Existem amplos pontos de contato e similaridades de tema, linguagem, escolha de palavras, expressões entre os APT e as novelas gregas antigas, tais como *Leucippe e Clitophon* de Achilles Tatiuss, *Calliope* de Chariton, entre outras (BARRIER, 2009). Embora reconhecendo a riqueza de similaridades entre a novela grega antiga e a narrativa dos APT, este trabalho não focará na semelhança de gênero entre os textos, mas se apropriará de alguns elementos deles para lançar luz à compreensão das expectativas patriarcais com relação à mulher.

A paixão recíproca do casal romântico nas novelas gregas antigas pode ser uma inovação, mas finaliza em um lugar tradicional, o casamento patriarcal. Para Perkins, o casamento é o laço social original, e a forma patriarcal como as novelas o celebram tem provido um modelo para todas as formas subsequentes de dominação e subordinação nas relações sociais. O romance não renuncia ao patriarcado, mas o celebra, projetando a união exemplificada nos casamentos patriarcais como meta (PERKINS, 2008). Casamento, tanto para os judeus quanto

para os romanos, representava o microcosmo do império no qual eles viviam. A estrutura de família unida, com um *pater familias* governando sobre sua esposa, crianças e escravos, era essencial para a manutenção do império.

2.1 Sacrílegos: Paulo e Tecla são acusados de romper com os costumes

A rejeição por Tecla de seu noivo Tamires leva Paulo à prisão, acusado de pregar o abandono do casamento e provocar, assim, a desordem social. Tecla, subornando o porteiro e o carcereiro, entra na prisão e, aos pés de Paulo, ouve sobre as grandezas de Deus. Encontrada no cárcere por sua mãe e pelo noivo rejeitado, Tecla é levada à prisão na qual, a pedido de sua mãe, recebe a sentença de ser queimada viva, com o propósito de infligir temor nas mulheres que recebem o ensinamento de Paulo.

Peter Brown inicia o primeiro capítulo de sua obra *The Body and Society* apresentando um trecho de uma versão da história de Tecla escrito por um sacerdote do santuário de Tecla em Selêucia na metade do quinto século d.C. O autor descreve Tamires, o noivo rejeitado de Tecla, incriminando Paulo diante do governador local por ter pregado virgindade na cidade, e, com a virgindade, o abandono do casamento:

Este homem introduziu um ensino novo, bizarro e interruptor da continuidade da raça humana. Ele denigre o casamento: sim, casamento, o qual se pode dizer ser o início, a raiz e a fonte original de nossa natureza. Disso originam-se pais, mães, filhos e famílias. Cidades, vilas, cultivo apareceram por causa disso. Agricultura, navegação marítima, e todas as habilidades do estado – tribunais, o exército, o Alto Comando, filosofia, retórica, todo barulho desse mar de oradores – dependem disso. Que mais, do casamento vem os templos e santuários de nossa terra, sacrifício, rituais, iniciações, orações e dias solenes de intercessão. (BROWN, 2008, p. 5)

De forma sobrenatural, milagrosa, Tecla escapa da fogueira e parte ansiosamente em busca de Paulo. Ao encontrá-lo, comunica que cortará os seus cabelos e o seguirá aonde quer que ele vá. Também pede que ele a batize: “Concede-me o selo de Cristo, e não me alcançará tentação alguma”. Paulo responde: “Tem ânimo, Tecla, e receberás a água” (PIÑERO; DEL CERRO, 2005, p. 755-757). “Selo” era a designação batismal mais comum no segundo século. Alguns textos o definem claramente como uma marca de propriedade e proteção (FERGUSON, 2009).

A cena seguinte mostra Paulo e Tecla em Antioquia, onde nova provação os espera. Alexandre, um importante cidadão local, ao ver

Tecla se apaixonou por ela pretendendo tomá-la em casamento. Ele tenta subornar Paulo que diz: “Não conheço essa mulher de quem falas, pois não é minha” (PIÑERO; DEL CERRO, 2005, p. 757). Alexandre, então, a toma pelos braços e Tecla grita: “Não forces uma estrangeira, não forces a serva de Deus. Sou cidadã principal de Icônio [...]” (PIÑERO; DEL CERRO, 2005, p. 757). Percebendo que Paulo havia negado conhecê-la, ela parte para o ataque a Alexandre. Tentando livrar-se dele, o humilha publicamente, rasgando o seu manto e lançando fora sua coroa. O público ali reunido se divertia com isso. Alexandre, enfurecido, leva Tecla diante do governador a quem ela confessa o ocorrido. O magistrado a condena às bestas selvagens.

Ao ler o relato da história, o leitor moderno se depara com uma Tecla cheia de contradições. De um lado, é retratada com um comportamento típico de uma jovem mulher da época, comprometida com o noivo e obediente à mãe e aos costumes. Isso pode ser exemplificado no relato de sua entrada na prisão em busca de Paulo quando suborna os guardas com os aparatos femininos que usava, pulseiras e espelhos. Por outro lado, a descrição é de uma jovem que desenvolve mais e mais a “masculinidade”, à medida que assume uma vida ascética, distanciando-se dos papéis sociais de uma mulher comum ao se recusar a casar. Além da mudança de aparência ao vestir-se como homem, percebem-se também atitudes masculinas, tais como a ousadia e a resistência física evidenciadas no ataque a Alexandre.

Diante da decisão da autoridade, Tecla pede ao governador para permanecer pura até a sua luta contra as feras. Ao ouvir tal pedido, Trifena, uma mulher rica cuja filha havia morrido, pede ao governador para ter Tecla sob seus cuidados, como uma segunda filha, pois isso lhe seria um conforto. Trifena, então, a recebe em custódia, o que foi para ela motivo de grande alegria. Em um sonho, Trifena vê Falconila, sua filha morta, pedindo que ela peça a Tecla que interceda a fim de que seja trasladada para o lugar dos justos. Trifena pede à Tecla e ela o faz prontamente. Trifena efetivamente protege Tecla e a ama como a própria filha.

No prazo determinado, Tecla é arrancada de Trifena e, depois de ser despida, é levada à arena para enfrentar as feras. Uma leoa é solta para matá-la, mas somente lambe os pés da mulher. Outras feras foram soltas na arena. Ao avistar um grande buraco cheio de água, Tecla pensa: “Agora é o momento de receber o batismo”. Então, pula na água dizendo: “Em nome de Jesus Cristo eu me batizo em meu úl-

timo dia” (PIÑERO; DEL CERRO, 2005, p. 765). A narrativa conta que ante essa cena o governador derrama lágrimas, pois dentro daquele buraco com água estavam focas assassinas que ali viviam e que com certeza devorariam Tecla. Miraculosamente as focas foram mortas por um relâmpago com fogo. De forma semelhante, uma nuvem de fogo se estendeu sobre ela de maneira que nem as feras podiam tocá-la nem o público contemplar sua nudez. O governador pede que a traga diante dele e lhe pergunta: quem és tu e o que tens ao teu redor que nenhuma fera te pode tocar? Tecla responde que é serva do Deus vivo e o que a protege é a fé no filho de Deus. O governador ordena que tragam suas vestes para que ela se vista. Em seguida a declara livre.

O ato de Tecla em autobatizar-se descrito no texto representava uma afronta à hierarquia institucional que se formava na igreja e uma das afirmações mais radicais que poderiam ser atribuídas a um texto paulino na concepção do período. Tertuliano combateu vigorosamente os APT negando sua autenticidade, com a preocupação de que o exemplo de Tecla pudesse respaldar as mulheres na busca de direitos para batizar e ensinar. Para Tertuliano, os APT representavam um grave desvio dos ensinamentos de Paulo, pois estariam na direção contrária daquilo que a Igreja-Mãe estava lutando de forma dura para firmar, isto é, a supremacia do bispo. O problema para Tertuliano foi que o batismo de Tecla não teve a presença de um bispo, presbítero ou diácono.¹ O fato de Tecla batizar a si própria aponta para uma identidade que ela está construindo a qual não dependia de ninguém, mas dela e de Deus. Embora Tertuliano tenha negado qualquer autoridade aos APT, outros Pais da Igreja foram mais receptivos. Cipriano, Eusébio, Epifânio, Agostinho, Gregório Nazianzeno, Crisóstemo, entre outros, mencionaram Tecla ou referem-se à sua história.

Trifena, ao saber da notícia do livramento e soltura de Tecla, corre ao seu encontro e a leva para casa. Tecla hospeda-se com Trifena por oito dias ensinando a palavra de Deus a ela e a toda a sua casa. Trifena a faz herdeira de seus bens. Depois de converter a casa de Trifena, já assumindo a aparência e vestes masculinas, Tecla sai à procura de Paulo e o encontra em Mira, pregando a palavra de Deus. Sua busca por ele sugere que ela ainda permanece sua subordinada. Ao saber que Tecla

¹ Para maiores informações sobre Tertuliano e os Atos de Paulo e Tecla, ver: NOGUEIRA, Sebastiana Maria Silva. Tertuliano e os Atos de Paulo e Tecla. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Sousa (Org.). *Apocrificidade: O Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial Ltda., 2015, p. 101-120.

foi batizada pelo próprio Cristo, ele lhe dá a sua bênção: “Vá e pregue a palavra de Deus” (PIÑERO; DEL CERRO, 2005, p. 771).

Embora sejam muitas as conquistas de Tecla na formação de uma nova identidade, sua mostra final de autonomia ocorre quando se levanta e diz a Paulo: “Eu vou para Icônio” (PIÑERO; DEL CERRO, 2005, p. 771). A Tecla que se ajoelhou aos pés de Paulo na prisão para ouvir a palavra de Deus e que pediu-lhe que a batizasse agora se levanta na presença dele e comunica os seus planos. “Eu vou para Icônio”. Lá, Tecla encontra Tamires morto, mas, diferentemente do caso de Falconila, a filha morta de Trifena, ela não demonstra nenhum interesse de interceder por ele. Sua mãe, por outro lado, está viva e recebe a pregação da palavra de Deus.

O término da narrativa dos *Atos de Paulo e Tecla* é bastante sucinto. Após ter ido para a Selêucia, depois de ter iluminado a muitos com a palavra de Deus, Tecla dorme um belo sono. Aqui acaba a narrativa. Diferentemente de muitas outras narrativas de santas, Tecla não é martirizada, embora tenha sido quase morta em múltiplas ocasiões. Esse final breve, com certeza, oculta muitas práticas de Tecla como apóstola. Ela certamente pregou, ensinou e batizou a muitos, o que por si só levantaria a ira de Tertuliano. É provável que em Icônio, como em Antioquia, a mulher tenha assumido a identidade de apóstolo e pregado e batizado a muitos.

Tecla, a virgem comprometida, dedicou-se ao evangelho de Paulo mesmo diante de ameaças à sua vida. Suportou fogo e bestas, buscou o batismo e foi comissionada por Paulo a pregar a palavra de Deus. Sua história, contada na obra do segundo século (APT), além de não ser uma lenda de repertório herético, expressa valores centrais da fé cristã e inspirou muitos seguidores. Tecla tanto acolhe expectativas patriarcais sobre a mulher quanto rompe com elas. Age decididamente para formatar o próprio futuro, batiza a si mesma e é autorizada a ensinar o Evangelho. Sua história mostra a existência, nesse período, do celibato de mulheres que se opunham às restrições quanto ao papel delas dentro das estruturas oficiais da igreja. O ascetismo poderia ser e era experimentado como uma escolha libertadora para as mulheres até o quarto século, pois não somente permitia que saíssem dos papéis tradicionais femininos, como também oferecia a possibilidade de liderança nas comunidades em que poderiam perseguir o mais alto desenvolvimento próprio como pessoas autônomas. Como resultado, muitas foram atraídas ao ascetismo, mostrando uma desintegração da

estrutura patriarcal. É provável que a escolha da virgindade por homens e mulheres possa ser vista no quarto século como uma remoção do corpo do controle social.

A rejeição por Tecla de seu noivo possibilitou-lhe sair do confinamento das tarefas de casa e perseguir uma vida ativa de ensino, viagem e liderança. Ela veio de uma comunidade cristã que aceitou e encorajou a liderança feminina. Sua história, nos APT, confirma a existência de mulheres que optaram pelo celibato como forma de se opor às restrições ao papel feminino nas estruturas oficiais da Igreja e do Estado. Tecla representa essa heroína que foi autorizada por Paulo a pregar e que tinha independência para viajar e ensinar. Como ela, essas mulheres fugiram das expectativas culturais de modéstia e subordinação ao homem.

APT tem atraído considerável atenção devido ao seu intenso foco no caráter da liderança feminina. Para alguns intérpretes, este e outros Atos Apócrifos atestam a busca de autonomia pela mulher mediante o comprometimento com a castidade, o que as libertaria das tarefas domésticas patriarcais. Dessa forma, o ideal dominante da virtude feminina nos romances gregos e romanos foi radicalmente transformado: a pura, bela e fértil heroína deu lugar à heroína cristã que ardentemente recusava o leito matrimonial. Fontes históricas sugerem que a história de Tecla teve uma continuada popularidade entre as mulheres nos séculos subsequentes tanto pela sua independência para ensinar e ministrar o batismo como pelo seu ascetismo, o que pode ser compreendido como uma indicação da resistência de algumas mulheres cristãs antigas ao controle patriarcal.

3. Perpétua: Uma matrona rebelde

Martírio de Perpétua e Felicidade narra a história da prisão e execução de um grupo de cristãos em Cartago, norte da África, por volta da virada do segundo para o terceiro século, durante o reinado do imperador Séptimus Severus (202-204 d.C.). O relato é composto por três vozes distintas: (I) o editor, que narra a introdução (1-2), morte de Secundulus (14), gravidez de Felicidade (15), execução (16-21) e conclusão (21); (II) a seção narrada por Perpétua, conhecida como “diário de prisão” (3-10); e (III) o relato visionário atribuído a Saturus, seu companheiro de martírio (11-13).

A *Passio Sanctorum Perpetuae et Felicitas* (PPF) sobrevive em nove manuscritos latinos e um grego. Um deles, o St. Gallen 577 (MS G

577), é considerado o mais antigo manuscrito latino, pode ser datado do início do século 10^o. Outra importante variante é a versão também latina chamada Monte Cassino (MS M 204), do final do século 11. Existe também uma versão abreviada da *Passio* conhecida como *Acta minora*. O manuscrito grego, segundo Thomas Heffernan (2012), é certamente derivado da tradução de uma versão latina não mais existente.

O debate sobre o idioma original da PPF se iniciou com a descoberta da variante grega (Codex Hierosolymitanus 1, MS H) na Biblioteca dos Patriarcas de Jerusalém por J. Rendell Harris. Até então se considerava o latim a língua original da PPF, justamente porque só havia registros de manuscritos latinos da obra. Cândida Moss (2012) destaca que há um consenso quanto à primazia da versão latina como sendo a mais antiga versão da história, que foi traduzida e redigida por leitores subsequentes.

Sobre sua composição final, não é possível fixar uma data precisa. Heffernan (2012) a situa entre 206 e 209 d.C. Ele sustenta essa afirmação utilizando a mais antiga alusão a PPF que se encontra na obra *De anima*, de Tertuliano. Nessa obra, Tertuliano refuta aqueles que negam que os fiéis devem descer ao Hades antes da ressurreição, entretanto os mártires não seguem esse padrão, visto que Perpétua, quando no dia de seu martírio, viu apenas mártires no paraíso.

Heffernan (2012) destaca que Tertuliano não faria alusão a Perpétua se seu público não tivesse sido familiarizado com os acontecimentos que envolveram sua morte. Cândida Moss (2012), em contrapartida, expõe a inutilidade dos escritos de Tertuliano para a datação final da obra, tendo em vista a disparidade em relação à composição final. Um recém-encontrado manuscrito dos sermões de Agostinho (Sermão 292) sugere que ele teve acesso às duas versões mais conhecidas, tanto a *Acta minora*, quanto a PPF (MOSS, 2012).

Dentre as vozes que compõem o relato de martírio desse grupo de cristãos cartagineses, o “diário de prisão” aparece como peça central na narrativa. Perpétua atua como protagonista do relato e, de próprio punho, relata os acontecimentos que marcaram sua prisão e a de seus companheiros cristãos.

3.1 O confronto de Perpétua com a família e com o Estado

A narrativa da PPF propriamente dita tem início a partir do capítulo II. O Redator (R) limita-se a descrever os jovens mártires, o *status* social deles, como por exemplo: Revocatus e Felicidade eram escravos;

Perpétua era de “boa família, boa educação, casamento de prestígio” (BREMNER; FORMISANO, 2012, p.15), tinha seu pai, mãe e dois irmãos vivos, sendo um deles catecúmeno, casada e mãe de um filho recém-nascido. Entretanto, não se tem nenhuma referência ao marido dela. Heffernan (2012) supõe que o marido possa ter morrido ou que eles estavam separados; por fim, há a hipótese de um editor posterior que, levado por ideias celibatárias presentes tanto no Montanismo quanto no Catolicismo do Norte da África, tenha suprimido qualquer menção de parceiro sexual para a jovem mulher.

Após essa breve descrição dos jovens mártires, R prepara o leitor para a seção seguinte ao afirmar que: “A partir desse ponto na narrativa inteira de seu martírio é ela mesma, da maneira como ela deixou escrito por sua própria mão segundo sua intenção (2,3)”.

3.2 “*Christiana sum*”

Judith Perkins vê nas Atas dos Mártires, inclusive na PPF, textos que foram utilizados para subverter as estruturas sociais dominantes no primitivo império romano.

As mais antigas Atas dos mártires não narram apenas eventos, mas trabalham para criar e projetar um novo “estado mental em relação ao mundo”, um novo sistema para compreensão da existência humana, ao mesmo tempo que trabalham para desafiar a ideologia em torno do Império. (1995, p. 104; tradução nossa)²

No capítulo III, após receber a visita do pai, Perpétua faz sua primeira confissão de cristã. Depois de ser interpelada pelo angustiante pedido dele, diz: “‘Pai, você vê esta vasilha aqui, por exemplo, este jarro ou o que quer que seja?’. ‘Sim’, ele respondeu. Eu disse: ‘Ele não pode ser chamado de outra coisa a não ser o que ele é, certo?’. ‘Certo’. ‘Bem, é dessa mesma maneira comigo. Eu não posso me chamar de outra coisa além do que sou: uma cristã’ (PPF 3,1-21)”. Destaca-se a certeza que Perpétua carrega consigo diante da prisão, futuro julgamento e martírio. Ela está convicta de que esse é seu destino por ser uma cristã.

Perpétua inicia a narrativa confrontando o próprio pai, o *pater familias*, cuja autoridade é legitimada pelo sistema imperial romano (COULANGES, 2004). Ao reivindicar sua autonomia perante a autoridade paterna, o que era inadmissível para as mulheres de seu tempo, bem

² “The early martyr Acts not only narrate events, but they work to create and project a new ‘mental set toward the world’, a new system for understanding human existence at the same time as they work to challenge the surrounding ideology of the early Roman Empire”.

como a autonomia na escolha da sua religião, o que também estava sob autoridade do *pater familias*, ela estaria rejeitando, portanto, tanto a autoridade do pai quanto da instituição que o apoia, classificando-a como maligna e diabólica (PERKINS, 1995). Seu pai é representado como alguém que está quase possesso pelo diabo: “Depois ele foi embora, arrasado, e as artimanhas de Satanás com ele (3,3)”; assim, ao vencê-lo, ela estava vencendo o próprio Satanás (HEFFERNAN, 2012).

Para a instituição romana, Perpétua é vista como uma mulher e/ou filha rebelde, que não se sujeita a ela; todavia, a sua pertença a essa nova construção de identidade, sua auto apresentação como cristã, conforme a hipótese de Perkins, “o que as ‘próprias ideias’ de Perpétua oferecem é uma auto representação de uma mulher subvertendo e transcendendo as estruturas de sua sociedade, ancorada por um crescente sentido de seu empoderamento através do sofrimento (1995, p. 105; tradução nossa)”³.

Assim, a PPF começa a narrativa demonstrando a força e a coragem dos mártires. Perpétua está convicta de seu destino como mártir, tanto que rejeita totalmente a autoridade do pai, bem como a instituição romana por trás dela, a fim de trilhar os caminhos reservados aos verdadeiros cristãos, o martírio.

Após o confronto com o pai, e seu refrigério mediante sua ausência, segue-se o batismo de Perpétua, como ela mesma deixa registrado: “Durante os dias seguintes eu agradei ao Senhor pela ausência de meu pai e eu estava aliviada por ele não estar ali. Foi durante esse período de poucos dias que nós fomos batizados, e o Espírito me disse para pedir apenas uma coisa da água: resistência física (3,4)”. É importante destacar que a narrativa não especifica que tipo de batismo foi utilizado por ela e seus companheiros de prisão; entretanto, pelo fato de estarem em um lugar também não especificado pela narrativa, faz crer que dificilmente teria sido por imersão (HEFFERNAN, 2012).

A realização do batismo de Perpétua e seus companheiros mártires é a confirmação visível da inserção deles na mais nova comunidade religiosa crescente no Norte da África, a comunidade cristã de Cartago (HEFFERNAN, 2012). O batismo de Perpétua é sancionado pelo Espírito que, ao conhecer seu destino, a alerta para que busque resistência física, tendo em vista as provações que os esperam (HEFFERNAN, 2012).

³ “What Perpetua’s ‘own ideas’ offer is a self-representation of a woman subverting and transcending her society’s structures, buttressed by a growing sense of her empowerment through suffering”.

Além disso, sua afirmação, “e o Espírito me disse”, reforça o papel dela como profetisa.

3.3 “*domina*”

No capítulo V, tem-se o registro do segundo encontro de Perpétua com o pai, no qual é claro o contraste entre a conduta de ambos. Ele está desesperado com a futura condenação da filha à pena capital. Essa cena não demonstra somente a preocupação com seu *status* de *pater familias*, mas a profunda afeição e carinho por ela (HEFFERNAN, 2012, p. 185): “Não fui eu quem te educou com essas mãos, para que agora estivesse na flor da juventude? Eu não te coloquei acima de teus irmãos? Não me desgraces na frente de todos”. Todavia, a confissão pública de Perpétua, sua adesão à nova religião, comprometeria para sempre toda a sua família.

Tal confissão pública traria à família um descrédito, uma vez que, para os cidadãos de Cartago, isso constitui uma rejeição da via romana e um abraço de uma superstição irracional, e isso é, claro, ilegal. (HEFFERNAN, 2012, p. 185; tradução nossa)⁴

Perpétua, ao contrário, segue confiante e corajosa em seu caminho. Cada vez mais está convicta de seu destino. Seu primeiro passo foi se desprender dos laços familiares (MOSS, 2013), embora doa, revela a seu pai que não está mais *in sua potentia*, mas *in potestate Dei* (HEFFERNAN, 2012, p. 186): “O que quer que aconteça naquela plataforma será segundo a vontade de Deus. Você pode ter certeza de que nós não estamos sob nosso próprio controle, mas o de Deus”. O apelo às emoções e ao amor da família não conseguiu convencê-la. Possivelmente sua conduta está vinculada às palavras de Jesus em Mateus 10,37 / Lucas 14,25, segundo as quais a família pode ser um empecilho para alcançar o reino de Deus. Perkins (1995, p. 107) ressalta que a narrativa subverte radicalmente a hierarquia patriarcal do sistema romano: “Esta cena inteira é apresentada em termos de uma hierarquia radicalmente invertida – um pai aos pés de uma filha, a chamando de senhora”.⁵

Perpétua novamente é reconhecida como *domina*, primeiramente por seu companheiro de prisão (PPF 4,1) e agora pelo pai (PPF 5,2).

⁴ “Such a public confession would bring the family into disrepute, since, for the citizens of Carthage, it constitutes a rejection of the Roman way and an embrace of an irrational superstition, and it is, of course, illegal”.

⁵ “This entire scene is presented in terms of a radically reversed hierarchy – a father at a daughter’s feet, calling her mistress”.

Em seu segundo encontro com ele, Perpétua demonstra sua pungente identidade. Sua fé supera as emoções e o amor à família terrena. Ela não está mais sob o domínio do sistema imperial representado pelo pai, mas sob o domínio de Deus, cuja força a permite superar a família, o império e o diabo.

3.4 “*Martyres Christiani sunt*”

No capítulo seguinte é narrada a audiência pública de Perpétua e seus companheiros catecúmenos. O julgamento deles acontece em plena praça pública; além disso, parece ser uma área residencial em volta do fórum, tendo em vista a rápida aproximação e reunião da multidão para assistir ao julgamento (HEFFERNAN, 2012).

Perpétua e seus companheiros mártires são elevados numa plataforma (*catasta*) para ser vistos e julgados. Segundo Heffernan (2012), esse tipo de mecanismo era muito usado para expor escravos à venda e indivíduos acusados de crimes. Eles são – ou alguns deles – tanto escravos quanto criminosos. Perpétua é a última a ser julgada, antes dela todos confessaram sua fé e foram condenados. Além disso, a narrativa novamente é tomada pela dramática luta dela com seu pai. Dessa vez, ele traz consigo seu filho recém-nascido, crendo que agora ela cederá aos seus apelos.

O procurador Hilarianus se junta ao apelo do pai de Perpétua pedindo-lhe que faça o sacrifício ao imperador, o que prontamente é rejeitado por ela. O motivo dessa negativa é revelado logo em seguida. Quando Hilarianus a questiona se é uma cristã, ela prontamente diz: “Sim, eu sou uma cristã”. Seria esse o motivo da prisão de Perpétua e seus companheiros? De acordo com G. E. M. De Ste. Croix, desde 112 d.C. a acusação normal contra os cristãos era simplesmente porque diziam ser cristãos, eles eram punidos por sua identidade. A sua hipótese se baseia na correspondência de Plínio, governador da Bitínia, ao imperador Trajano – cujo diálogo se refere àqueles que foram acusados ante ele de serem cristãos – e em alguns textos dos apologistas cristãos do século 2º (CROIX, 2006). Moss (2012) nos fornece o exemplo de outro relato de martírio também de Cartago, *Acts of the Scillitan Martyrs*, cujas personagens principais, Secunda e Vestia, ao serem interrogadas pelo procurador também afirmam ser cristãs.

Ambos, o relato da correspondência de Plínio a Trajano e a PPF, parecem unir a negação do sacrifício ao imperador com a afirmação de ser cristão. São sinônimos. No caso de Perpétua,

Sua rejeição de sacrificar ao imperador é vista como sedição e traz sobre ela a

sentença de morte, uma vez que por rejeitar sacrificar ela reconhece que rejeita a tradicional *pietas*. O ritual de sacrifício tanto para os imperadores mortos e vivos era, na prática, o reconhecimento do contrato social entre o governante e o governado. (HEFFERNAN, 2012, p. 195; tradução nossa)⁶

Mediante tal resposta, Hilarianus não hesitou em condenar Perpétua às feras (*et damnat ad bestias*); todavia, antes da sentença, ele tenta mais uma vez convencê-la a negar a sua fé, ordenando que seu pai seja espancado diante de todos. Além de ressaltar a violência e injustiça por trás das condutas do império, a narrativa mais uma vez destaca a subordinação do pai à filha, e Perpétua segue corajosamente desafiando tanto a autoridade patriarcal representada pelo pai quanto à estatal representada pelo procurador romano (PERKINS, 1995).

Após a sentença, os mártires expressam profunda alegria pela condenação recebida. Essa ideia se tornou um tropo na literatura de martírio cristão (HEFFERNAN, 2012). É possível também encontrar essa postura diante do sofrimento nas palavras da escrava Felicidade, companheira de prisão de Perpétua (PPF 15,2), e já na arena, os mártires Revocatus e Saturninus faziam ameaças à multidão de espectadores. Com isso, as pessoas irritadas mandaram que eles fossem espancados pelos caçadores com varas e chicotes. Porém, para os mártires isso não era visto com maus olhos, como atestado pelo narrador: “e os mártires estão gratos por experimentar algo do sofrimento do Senhor” (PPF 18,9).

De volta à prisão, Perpétua envia o diácono Pomponius para buscar o filho que estava sob os cuidados de seu pai. Mas, seu pai se recusa a enviá-lo. No mínimo era de se esperar tristeza por parte de Perpétua pela ausência de seu filho, porém sua tranquilidade se baseia na total provisão de Deus, tanto na falta de desejo do bebê por seus seios quanto na sua saúde física e psicológica. Nessa altura a única coisa que poderia fazê-la desistir do martírio era a maternidade, no entanto Deus já havia pensado em tudo.

4. Considerações finais

A história de Tecla, conforme retratada nos *Atos de Paulo e Tecla*, provocou grande controvérsia no momento em que a Igreja-Mãe bus-

⁶ “Her refusal to sacrifice to the emperor is viewed as sedition and brings upon her the death sentence, since by refusing to sacrifice she acknowledges that she rejects traditional *pietas*. The ritual of sacrifice to both the dead and the living emperors was, in practice, the recognition of a social contract between the ruler and the ruled”.

cava consolidar sua hierarquia e seu sistema de valores. Tertuliano, um dos pais da Igreja, sabia que por trás dos escritos do presbítero repousava uma tradição oral, com evidências nos escritos paulinos de participação de mulheres na liderança de comunidades cristãs. Daí a preocupação dele em negar a autenticidade do texto como representante das tradições paulinas, visto que contradizia o sistema de valores e a hierarquia da Igreja que autorizava apenas aos homens a pregação, ensino e a ministração do batismo.

O comportamento de Tecla em relação ao casamento e ao papel da mulher dentro da sociedade patriarcal romana confronta diretamente as tradições e a torna exposta às sanções do Estado. Ao recusar o casamento com Tamires, desafia corajosamente a ordem social, tendo em vista que o casamento representa o ritual que afirma as bases nas quais dependem as estruturas sociais. Ao assumir o ascetismo em sua busca para viver os ensinamentos de Paulo, rompe com a hierarquia da cultura patriarcal e frustra as expectativas do Estado para a família.

Da mesma forma que os *Atos de Paulo e Tecla*, o relato do martírio de Perpétua e Felicidade preserva em sua narrativa cenas de sofrimento, dor, aprisionamento e condenação. No caso de Perpétua e seu grupo, o martírio é consumado. Ainda que não haja um relato das razões do aprisionamento, percebe-se na leitura do texto que, como na narrativa dos *Atos de Paulo e Tecla*, Perpétua e os catecúmenos infringem as regras sociais do império romano ao rejeitar a família, a autoridade do *pater familias*, bem como o sistema patriarcal e suas autoridades designadas. Com o desrespeito e a recusa aos pedidos do pai, Perpétua se mostra irredutível na decisão de não abandonar o cristianismo por aquilo que considera “um mundo e governo chefiados por Satanás”. Ela enfrenta também a autoridade romana, o procurador Hilarianus, ao recusar-lhe o pedido para que desista da decisão de seguir o cristianismo, voltando-se assim para o convívio familiar e o sacrifício ao imperador. A demanda do procurador romano implicaria a rejeição dela a Cristo a quem está disposta a dar a própria vida. O martírio para Perpétua não parece ser ameaçador, pois a glória que a espera supera todas as expectativas do mundo terreno; decide recusar o que seriam os prazeres momentâneos deste mundo em troca de uma vida na eternidade com Cristo. Ela sabia que os sofrimentos e o martírio a capacitariam com mais poder e seriam o último degrau para a entrada na glória.

As narrativas de Tecla e Perpétua mostram muitas similaridades nos papéis e conduta das protagonistas. Apresentam duas mulheres

determinadas, com uma capacidade de liderança surpreendente para o período, que assumem o ascetismo para seguir os ensinamentos cristãos. Defendem suas convicções com uma fé inabalável a ponto de enfrentar o martírio. Esse poder advindo da entrega e do sofrimento característicos de um mártir as leva a profetizar, experimentar sonhos e visões, interceder pelas pessoas, pregar e ensinar o Evangelho. Em ambos os relatos, a expectativa escatológica é proeminente.

Referências

- BARRIER, J. W. **The Acts of Paul and Thecla**. A Critical Introduction and Commentary. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- BREMMER, J. N.; FORMISANO, M. (Ed.). **Perpetuas's Passions: Multidisciplinary Approaches to the Passio Perpetuae et Felicitatis**. New York: Oxford University Press, 2012.
- BROWN, P. **The Body and Society**. Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity. New York: Columbia University Press, 2008.
- COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CROIX, G. E. M. De Ste. **Christian persecution, martyrdom, and orthodoxy**. New York: Oxford Press, 2006.
- FERGUSON, E. **Baptism in the Early Church**. History, Theology, and Liturgy in the First Five Centuries. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 2009.
- GIORDANI, M. C. **História de Roma: Antiguidade Clássica II**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HEFFERNAN, T. J. **The Passion of Perpetua and Felicity**. New York: Oxford Press, 2012.
- MOSS, C. R. **Ancient Christian Martyrdom: diverse practices, theologies, and traditions**. London: Yale University, 2012.
- _____. **The Myth of Persecution: how Early Christians Invented a Story of Martyrdom**. New York: Harper Collins, 2013.
- NOGUEIRA, P. A. S. (Org.) **Apocricidade: O Cristianismo primitivo para além do Cânon**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- PERKINS, J. **The suffering Self: Pain and Narrative Representation in the Early Christian Era**. Londres: Routledge, 1995.
- _____. **Roman Imperial Identities in the Early Christian Era**. New York: Routledge, 2008.
- PIÑERO, A.; DEL CERRO, G. **Hechos Apócrifos de Los Apóstoles**. Vol II. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.